

Grupos virtuais sobre autismo: aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por dispositivos interacionais¹

Igor Lucas RIES²

Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR

Resumo

Numa sociedade midiaticizada observam-se transformações culturais, sociais, bem como mudanças nas suas práticas e processos comunicacionais. A partir da presença dos grupos virtuais sobre autismo, este artigo pretende refletir sobre os aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por estes dispositivos interacionais, capazes de provocar mudanças nas práticas comunicacionais e de interação de uma sociedade. Trata os conceitos de dispositivos interacionais e de configurações comunicativas na sociedade em midiaticização, bem como exemplifica a formação de diferentes grupos virtuais sobre o autismo nas redes, sob aspectos culturais e sociais.

Palavras-chave: Autismo; Configurações Comunicativas; Cultura; Dispositivos Interacionais; Mídia.

1. INTRODUÇÃO

No acelerado processo de midiaticização de uma sociedade, observam-se transformações culturais, sociais, bem como uma mudança nos modos como os campos sociais se relacionam entre si e com a mídia, nas suas práticas. Estas mudanças ocorrem a partir dos processos de interação em vias de mediaticização, que são capazes de transformar a lógica, o sentido ou perfil, e os modos de agir dos campos sociais (BRAGA, 2016). Por isso, os dispositivos interacionais, presentes na sociedade midiaticizada, configuram-se como o ponto no qual se torna possível a ocorrência do fenômeno comunicacional, nos modos de uso e nos múltiplos, amplos e abertos espaços de interação entre pessoas ou grupos, a partir dos processos sociais que se desenvolvem.

Alia-se a este argumento a importância das configurações comunicativas (HEPP, 2015) para o estudo das mudanças nas formas de interações e das práticas e processos

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestrando em Comunicação e Linguagens PPGCOM - UTP-PR. Graduado em Comunicação Social – Propaganda e Publicidade, Especialista em Marketing Estratégico, Docência no Ensino Superior e Formação de Tutores no EAD. Professor de graduação da Faculdade Padre João Bagozzi nas unidades curriculares de Comunicação e Marketing, nos cursos de Bacharelado e Tecnologia em Gestão e Educação. E-mail: igor.lucas@uol.com.br.

comunicacionais que, neste texto, aproxima-se dos grupos virtuais formados por pessoas que pertencem a rede socioafetiva de indivíduos autistas.

O autismo, popularizado a partir de grandes e importantes protagonistas cinematográficos, como a Temple Grandin³ e Raymond (*Rain Man*)⁴, com seus potenciais *savants*⁵, hoje é caracterizado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a abertura para existência de vários níveis de dificuldades no espectro, bem como com a inclusão de muitas potencialidades. O TEA é uma condição do desenvolvimento neurológico, caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Segundo dados do CDC - *Center of Diseases Control and Prevention* (2014), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo para cada 68 pessoas (1,47%) e, se considerada a população entre 3-17 anos, o número é de 1 para 45 pessoas (2,22%). Estes números aumentam à medida que as metodologias ficam mais precisas e os diagnósticos tornam-se mais precoces. Elevam-se os casos diagnosticados e, conseqüentemente, as experiências interacionais entre os grupos de indivíduos que compartilham a mesma vivência.

Uma condição de diferença, por premissa, traz desordem na rotina social. A busca por informações, tratamentos, apoio e consolo, oportuniza o aproximar de experiências vividas no cotidiano de outros indivíduos incluídos na mesma realidade. Formam-se grupos, trocam-se experiências, depoimentos, acontecem exposições ou recolhimentos, surgem mobilizações e interações sociais diversas. Nasce discursos, ideologias e estigmas, comunicações transformadoras ou até mesmo a banalização do autismo, por conta da hipercomunicação ou pelo consenso tácito que circula e nutre o saber comum.

Neste contexto social e cultural, intensificado pela experiência a partir do uso dos dispositivos tecnológicos como celulares e *smartphones*, os sujeitos, em suas vidas cotidianas, têm promovido práticas interacionais, trocas de apoios, narrativas

³ Temple Grandin é a mais bem-sucedida e célebre profissional norte-americana com autismo, altamente respeitada no segmento de manejo pecuário. Tornou-se uma proeminente autora e palestrante sobre o tema autismo porque ela é uma prova viva de que as características de autismo podem ser modificadas e controladas. Bacharel pelo Franklin Pierce College e com mestrado em Ciência Animal na Universidade Estadual do Arizona, é Ph.D. em Ciência Animal, desde 1989, pela Universidade de Illinois.

⁴ Raymond é um personagem autista, protagonista do drama norte-americano *Rain Man*, 1988, de Berry Levinson.

⁵ A síndrome de *savant* é considerada um distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual aliada a um déficit de inteligência. As habilidades *savants* são sempre ligadas a uma memória extraordinária, porém com pouca compreensão do que está sendo descrito. É encontrada em uma a cada dez pessoas com autismo.

testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas aos grupos presenciais de ajuda ou ao convívio familiar e sócio afetivo mais próximo. O êxito das redes sociais, *blogs*, portais de informação, entre outras plataformas digitais com o compartilhamento instantâneo de dados, permite que os indivíduos ampliem sua ação, que agora pode ter alcance global, com possíveis efeitos sociais e na cidadania. Neste caso, os relatos de experiências do universo autista, nas mídias sociais, surgem de anônimos, celebridades, profissionais da educação, médicos e por especialistas em tratamentos e terapias, revelando fatores culturais, bem como explorando a partilha de vivências através das interações sociais.

Portanto, é a partir da presença dos grupos virtuais sobre autismo que este artigo pretende refletir sobre os aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por estes dispositivos interacionais, capazes de provocar mudanças nos processos e nas práticas comunicacionais e de interação de uma sociedade. De maneira específica, introduz os conceitos de dispositivos interacionais e de configurações comunicativas na sociedade em midiatização, bem como exemplifica a formação de diferentes grupos virtuais sobre o autismo nas redes, sob aspectos culturais e sociais.

2. DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E AS CONFIGURAÇÕES COMUNICATIVAS NA SOCIEDADE EM MIDIATIZAÇÃO

Esta reflexão se inicia a partir da necessidade de se compreender o conceito de dispositivos interacionais, produzidos nas interações de uma sociedade contemporânea e em midiatização, característicos do fenômeno comunicacional e das práticas sociais, pois auxiliam também no entendimento das práticas comunicativas que ocorrem nos grupos virtuais sobre o autismo.

No acelerado processo de midiatização de uma sociedade observam-se transformações culturais, sociais, bem como uma mudança nos modos como os campos sociais se relacionam entre si e com a mídia, nas suas práticas. Ao tratar da midiatização, apoiadas na abordagem dos atravessamentos dos campos sociais em Braga (2012), as pesquisadoras Monalisa Xavier e Ana Lucia Batista assumem que tais atravessamentos são consequências significativas da midiatização. Ou seja, que os processos de mediação então exercidos pelos meios, enquanto indústria cultural, perdem

a sua centralidade. Na nova forma, a mídia, que até então figurava como “mediadora dos campos estabelecidos, ressurgue como um espaço de intercâmbio de uma sociedade, nas interações formadas com as práticas sociais, com dinâmicas socioculturais a partir das quais resultam complexos sentidos emergentes” (XAVIER, BATISTA, 2016). Sem a intenção de incorrer em determinismo tecnológico, é preciso considerar que é a interação, portanto, quem assume a centralidade.

Neste contexto, grupos diversos da sociedade, tal qual os que estão interessados na partilha sobre o autismo, passam a desenvolver suas práticas comunicacionais com outras áreas, estabelecendo circuitos interacionais (BRAGA, 2012) a partir daquilo que lhes interessa ou aproxima, reinventando de forma contínua o uso dos recursos midiáticos. Como exemplo pode-se considerar as comunidades virtuais estabelecidas nas redes sociais e que são compostas por sujeitos participantes da rede socioafetiva dos autistas, inicialmente formada por pais e familiares, mas que agora interagem com especialistas, médicos, terapeutas, jornalistas, pedagogos e, de certa maneira, com a sociedade que circunda estes grupos e que possui objetivos distintos, mesmo em se tratando do autismo. A partir da interação nestas redes podem surgir, por exemplo, grupos presenciais de ajuda, reportagens testemunhais para jornais ou *blogs*, artigos em revistas especializadas, entrevistas em programas de auditório, ou seja, tanto a reconstrução do campo social, como a reinvenção da mídia pela sociedade.

Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos mediatizados, ao darem sentidos específicos aos que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediatização (BRAGA, 2012, p.12).

Desta forma, Braga (2012) esclarece que as mudanças que ocorrem a partir dos processos de interação, em vias de mediatização, são capazes de transformar a lógica, o sentido ou perfil, e os modos de agir dos campos sociais. Surge, como consideram Xavier e Batista (2016), a redefinição dos ambientes próprios à produção de saber ou de interação, onde a escola deixa de ser o lugar central de aquisição do conhecimento, tal qual a clínica para consultas, desenvolvendo assim, novas práticas sociais onde mídia e processos comunicacionais se complementam.

Esta mudança também é marcada pelos embates sociais, pelos desacordos ou contestações, que favorecem as produções marcadas por processos de mediatização, especialmente por conta destas tensões, nas quais a mídia assume o lugar de

processualidade interacional de referência, conduzindo a sociedade para novas práticas e processos comunicacionais, para diferentes formas de agir (BRAGA, 2006).

Portanto, apoiadas em Braga, as pesquisadoras Xavier e Batista (2016) concluem que os dispositivos interacionais, presentes na sociedade midiaticizada, configuram-se como o ponto no qual se torna possível a ocorrência do fenômeno comunicacional, nos modos de uso e nos múltiplos, amplos e abertos espaços de interação entre pessoas ou grupos, a partir dos processos sociais que se desenvolvem.

Em consonância, os teóricos Andreas Hepp e Uwe Hasebrink (2015) destacam que as mídias se tornam influentes na medida em que alteram os processos de interação simbólica ou de comunicação. Deste modo, apoiados em Knut Lundby (2009b, p.108), os autores lembram que a interação social se torna um conceito chave para descrever os processos de midiaticização, tanto para a tradição midiática institucionalista (interessada predominantemente na mídia de massa tradicional), quanto para a sociocontrutivista (voltada às práticas de comunicação cotidianas e nas mudanças em relação à construção comunicativa da cultura). A midiaticização é caracterizada, portanto, como um conceito que analisa criticamente esta relação entre as mudanças das mídias e da construção comunicativa de culturas e das sociedades.

Somos confrontados com complexos processos de entrelaçamento, nos quais certas práticas humanas se tornam institucionalizadas e reificadas em algo que chamamos de "uma mídia", que – ela mesma em constante mudança – "altera" nossa construção (comunicativa) de culturas e sociedades (HEPP E HASEBRINK, 2015, p. 76).

Considerando que a abordagem construtivista é baseada no argumento de que o mundo social dos seres humanos é construído na relação social, em especial quando surgem as questões de sentido, a comunicação ganha espaço e a interação simbólica torna-se o centro para entender tais constituições. Por isso, a comunicação é tida como fundamental para a construção social da realidade, através dos seus processos comunicativos múltiplos e de outras formas de interação social presentes na vida cotidiana (HEPP E HASEBRINK, 2015), que oportuniza e constrói, inclusive, outros espaços de fala para grupos com interesses tão específicos, como o autismo. Desta forma, a reflexão se distancia do determinismo e percebe-se que, em midiaticização, a lógica não está na mídia, mas na comunicação, e em como a “mudança das mídias está relacionada à sua influência sobre a comunicação, enquanto uma interação simbólica” (HEPP E HASEBRINK, 2015, p.80).

Estes argumentos teóricos conduzem ao entendimento de que esta transformação da construção comunicativa de uma sociedade depende de uma variedade de mídias que atuam em conjunto e, como defendem Hepp e Hasebrink, da concepção das suas configurações comunicativas. Para o autor, as concepções comunicativas “são padrões de processos de entrelaçamento comunicativo que existem ao longo de várias mídias e têm um enquadramento temático que orienta a ação comunicativa” (HEPP E HASEBRINK, 2015, p.80), permitindo que os seres simbólicos construam na interação simbólica suas realidades socioculturais significativas.

Fenômenos como estes não são estáticos, mas sim um processo interacional contínuo, constituído por redes de indivíduos. Como exemplo, as configurações comunicativas formadas a partir do autismo (termo concebido como um enquadramento temático que orienta a ação comunicativa) e os seus processos de construções comunicativas de realidades socioculturais estão mudando e contribuindo para a formação de uma nova concepção social deste transtorno, sustentadas por diferentes tipos de mídias: tanto pelas tradicionais na comunicação de massa, como por aquelas que fazem uso da tecnologia digital e dos ambientes virtuais, como as redes sociais e *blogs*.

Consequentemente, a ideia principal é a hipótese de que as relações recíprocas e características da mídia comunicativa e das transformações socioculturais, descritas pelo termo *mediatização*, são materializadas em configurações comunicativas específicas. Com a alteração de configurações comunicativas, processos de construções comunicativas de realidades socioculturais estão mudando. Neste nível, uma análise da transformação de culturas e sociedades torna-se acessível na medida em que ela ocorre com a *mediatização*. (HEPP E HASEBRINK, 2015, p. 83).

É neste sentido, enfim, que se percebe a importância do estudo dos dispositivos interacionais e das configurações comunicativas nas pesquisas em comunicação, neste caso ligada às práticas e processos comunicacionais utilizados por grupos de indivíduos que interagem nas comunidades sociais sobre o autismo. Considera-se que são nestes espaços interacionais, enfim, que surgem as tentativas destes grupos de atribuição de novo sentido para o autismo, de ressignificação sobre as impressões que se tem a respeito do assunto, da reconstrução de conceitos, de aceitação ou valorização social destas pessoas, do seu reconhecimento. Surgem, através destes dispositivos interacionais e configurações, novas formas de interação, construção e transformação da sociedade.

3. ASPECTOS CULTURAIS E A FORMAÇÃO DE GRUPOS VIRTUAIS SOBRE O AUTISMO NAS REDES

Mesmo diante do mesmo contexto, definido pela vivência junto de um sujeito autista, as páginas ou comunidades virtuais sobre o autismo, presentes nas redes, possuem configurações comunicativas próprias, objetivos diferentes e seus efeitos, conseqüentemente, também deverão ser distintos. Aqui se espera, portanto, destacar que é pelo viés cultural que a observação destes eventos, que culminam nos usos tecnológicos, ganha força, visto que são as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade.

Algumas destas páginas são aqui apresentadas pois ilustram as suas configurações comunicativas e objetivos particulares, como reflexos de uma sociedade impactada pela realidade autista e que, através dos dispositivos interacionais e midiáticos, bem como dos aspectos culturais e simbólicos que o norteiam, têm suas práticas comunicacionais reconfiguradas e em constante transformação. O objetivo não é analisar os efeitos destas páginas, mas, através das suas configurações, perceber que existem dispositivos interacionais nestes espaços. Hepp e Hasebrink (2015) indicam que as que cada configuração comunicativa é definida, em seu núcleo, por aspectos como: as formas de ou redes de comunicação ou discursos, as mídias utilizadas nestas configurações, a rede de atores individuais ou coletivos e, por fim, o seu enquadramento temático.

Figura 1 – Página Lagarta Vira Pupa (Facebook)



Fonte: Facebook/LagartaViraPupa (2017).

A página Lagarta Vira Pupa (figura 1) foi criada em 2012 por Andréa Werner Bonoli, jornalista e mãe de Theo, autista. Conhecida como um “diário de uma mãe com seu garotinho autista”, a página no *Facebook* apresenta, como finalidade, a partilha destas experiências, tratamentos, evoluções e desafios que, juntos, enfrentam. É acompanhada por 60 mil seguidores.

A Síndrome de Asperger – Autismo (figura 2) é uma página com mais de 118 mil seguidores. Criada em 2014, propõe-se a “falar sobre o autismo”. Por não ser uma página pessoal e testemunhal, o foco das publicações são as notícias, novidades, pesquisas, tratamentos e outras informações do contexto autista, que pretende deixar o seu seguidor atualizado.

Figura 2 – Página Síndrome de Asperger – Autismo (*Facebook*)



Fonte: Facebook/SindromedeAspergerAUTISMO (2017).

Já a página da Uppa (figura 3) é uma comunidade virtual regionalizada proveniente de uma associação de pais, localizada em Curitiba-PR, denominada União de Pais pelo Autismo, com pouco mais de 2.700 seguidores. A associação encoraja a união dos pais em benefício do sujeito autista, na luta pelos seus direitos e, juntos, promovem atividades culturais, de entretenimento, de conscientização e a busca de apoio de outras instituições, inclusive políticas. A página na rede social é caracterizada como um lugar de informações sobre o TEA, de encontro de familiares e profissionais que promovem eventos, capacitação e a conscientização do autismo.

Figura 3 – Página Uppa – União de Pais pelo Autismo (Facebook)



Fonte: Facebook/UppaAutismo (2017).

Enfim, a página pessoal do ator e apresentador Marcos Mion⁶, que ultrapassa 7 milhões de seguidores, reúne postagens sobre os seus programas de TV e outros negócios comerciais, como produtos assinados com a sua marca, mas que também atrai a atenção para a sua figura, enquanto um novo tipo de celebridade: o pai de um garoto autista, o Romeu.

Figura 4 – Página do apresentador Marcos Mion (Facebook)



Fonte: Facebook/MarcosMionOficial (2017).

A repercussão iniciou após o apresentador ter publicado, em sua página, um texto revelando lições que aprendeu com seu filho autista ao lhe pedir de presente de

⁶ Marcos Mion é apresentador do Programa de TV Legendários, da Rede Record, ator e empresário brasileiro. Estudou filosofia na Universidade de São Paulo e cursou Comunicação e Artes do Corpo na Pontifícia Univ. Católica de São Paulo. É casado com a designer de moda Suzana Gullo e pai de três filhos: Romeu, Stefano e Donatella.

Natal uma escova de dentes azul⁷. Após esta publicação, Mion passou a defender esta causa e apresentar suas experiências familiares na rede, reconfigurando o seu uso.

Mesmo com práticas diferentes ligadas ao autismo, estes exemplos demonstram que é pelo uso da rede social e da tecnologia que, nestes casos, acontecem a experiência do encontro entre os agentes comunicacionais. As redes sociais, na Internet, permitem estas "trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador" (RECUERO 2014, p. 94). As pessoas se relacionam num ambiente interativo, no qual predomina uma forma não linear e sem hierarquias, mas sim em rede. As curtidas, os compartilhamentos e, em especial os comentários de pais, familiares e de grupos que possuem o autismo como vivência comum, revelam a troca, o entendimento e partilha, ações que só acontecem a partir da interação humana, e que faz da comunicação um processo social. Assim, as práticas sociais das classes que buscam reconhecimento encontraram nas redes sociais um ferramental propício para se organizar, expressar seus pensamentos, declarar suas lutas e testemunhos, bem como agregar seguidores ao seu entorno que, em conjunto, possam se engajar, posicionar, solidarizar e sentirem-se mais fortes.

Neste contexto percebe-se a comunicação como um processo vivenciado, em movimento, visto que um *post* sobre uma experiência abre caminho para tantos outros relatos. Nele, é o próprio indivíduo que carrega a condição de produzir novos significados para o autismo, de interagir e se desenvolver, ao invés de apenas reproduzir os significados já existentes. No mesmo espaço de visibilidade e a partir de narrativas das próprias vidas, partilham anseios morais e políticos, presentes culturalmente.

Mesmo pelos indícios culturais que motivam estas aproximações, os números de curtidas, compartilhamentos e comentários, além da mobilização dos seguidores que direcionam as interações do cotidiano para os aparatos tecnológicos, surge facilmente a ideia da migração destes grupos de indivíduos para um novo espaço. Esta tendência direciona a análise pelo viés do determinismo tecnológico que, para este estudo, considera-se um risco. Kerckhove (2015), pesquisador contemporâneo das novas mídias e o desenvolvimento social e que dá continuidade à linha de pesquisa de McLuhan, por exemplo, defende a importância de se analisar os modos com que as “mídias modificam

⁷ A Escova de Dentes Azul. Em 27/Dez/2015, após celebração do Natal, o apresentador Marcos Mion escreveu um texto no seu perfil do Facebook revelando detalhes sobre a convivência com seu filho Romeo, de 9 anos, autista. No post o apresentador conta sobre o inusitado presente de Natal que o filho pediu para ele e sobre a lição que aprendeu com isso. Publicado há menos de meia hora, o texto alcançou mais de 1.000 curtidas. Em 2016 o apresentador transformou a experiência em livro, lançado em 30/Nov/2016. (MION, 2016)

“nossos ambientes e como as pessoas são transformadas pelo uso destas, às quais estão expostas cotidianamente”. Sobre o determinismo tecnológico, Williams (2005) considera que as novas tecnologias são abordadas como estabelecendo as “condições para a mudança social e o progresso, e são inventadas como se estivessem em uma esfera independente, a partir da qual são criadas novas sociedades ou novas condições humanas”.

Aqui, entende-se que não há transformação das pessoas pela tecnologia, bem como não existem novos espaços. Os indivíduos não entram em uma nova esfera ao se conectarem ao *Facebook*, mesmo porque não se deslocam do seu lugar de origem. As tecnologias trazem avanços importantes, evidentemente, mas o que pode ocasionar transformação é, portanto, o uso das tecnologias enquanto processo ou prática de interação social. Em face disso, é que se retoma o foco para a experiência comunicacional que emerge dos fatores culturais.

Por este viés permite-se a reflexão de que a natureza da cultura provém dos mais ordinários significados comuns, quanto daqueles mais refinados significados individuais, para designar todo um modo de vida. (WILLIAMS, 1958).

A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. (WILLIAMS, 1958, p.4)

É na vida, portanto, que os elementos comuns dão conta de promover a aproximação, resultando em grupos de pertencimento cultural. Neste sentido, esses grupos acessam as mesmas experiências vividas, a partir do outro. Portanto, é plausível defender que o movimento notório, responsável por milhares de curtidas, compartilhamentos e comentários, se dá pela experiência comum entre os agentes comunicacionais. O aparato tecnológico, em uso, sem os protagonistas, a mensagem, o público e os interesses comuns, próprios de uma cultura, não faria sentido. O que muda, então, é a forma de aproximar-se, é a experiência como processo comunicacional, a partir da tecnologia e das redes sociais.

Para complementar esta prática de interação a partir da cultura da vida, direcionando-a ao campo da comunicação, indica-se que o processo comunicacional é ativado pela superfície de contato, pelas relações provenientes destas trocas de sentidos, através da experiência da comunhão, um ato de comunicar como sendo um encontro de

fronteiras perceptivas. A emergência de uma superfície comum de troca, o compartilhamento e o tratamento do eu com o outro, formam uma composição, uma relação produzida entre estes sujeitos, conscientes, que estão em movimento e não em uma estrutura congelada. (DUARTE, 2003)

Nos exemplos das páginas aqui trazidas, nota-se que, para que as mensagens publicadas produzissem efeito, precisou primeiro serem apropriadas com discursos significativos para que pudessem, em seguida, serem significativamente decodificada. Afinal, é “esse conjunto de significados decodificados que ‘tem um efeito’, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas”. (HALL, 2003, p.368)

A cultura presente nas mídias, na tecnologia e, mais precisamente, no espaço aberto na rede social para esta aproximação de grupos com o mesmo interesse, não deve ser confundida, contudo, com uma cibercultura, devido ao alcance e extensão de seu desenvolvimento técnico (HEPP, 2015). Este entendimento permite a compreensão de que a cultura atual é tecnologizada, mas não é uma cibercultura, como se pudesse haver um novo espaço, uma nova cultura, diferente ou tecnológica. É neste sentido que, no estudo das mídias, faz-se necessário que a discussão dos fundamentos teóricos permeie o esclarecimento dos processos mediáticos, da influência que estes recursos causam na cultura e na sociedade, bem como uma reflexão sobre o processo de mudança presente neste termo (HEPP, 2014).

A respeito dos modos de se conviver com as mídias, Deuze (2013) indica a presença de uma revolução midiática, da vivência na mídia diluída no cotidiano. A mídia é onipresente, cada vez mais rapidamente e profundamente difundida. Porém, mais que uma “zumbificação” ou alienação, devido ao uso intensivo e imersivo, é considerada benéfica quando oportuniza a chance de alguns engajamentos sociais, ou seja, torna os indivíduos mais bem equipados para abraçar o coletivismo, ao invés do individualismo.

Desta forma, defende-se que a experiência cultural dos indivíduos, a vida cotidiana que abarca seus anseios, buscas, preferências ou condições sociais, estão diluídas nas mídias, hoje conectadas através das redes e aparatos tecnológicos. Mas não se trata de um novo espaço, mas sim da cultura comum. São nestes lugares, os possíveis, que surgem as manifestações comuns, as aproximações, os contrastes, as intrigas e os entretenimentos, as guerras, revoluções ou reivindicações, as manifestações

de ódio, de amor e de paz, a comunicação, as diferentes conexões, bem como a luta por reconhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo, fator responsável pela aproximação de grupos, às vistas de ressignificação, reconhecimento e da troca de experiências vividas no cotidiano, motiva indivíduos a se conectarem, através de superfícies comuns de contato e de partilha. Esta reflexão se iniciou partir da necessidade de se compreender o conceito de dispositivos interacionais, produzidos nas interações de uma sociedade contemporânea e em midiaticização, característicos do fenômeno comunicacional e das práticas sociais, que auxiliam também no entendimento das práticas comunicativas que ocorrem nos grupos virtuais sobre o autismo. Tais dispositivos interacionais, presentes na sociedade midiaticizada, se configuram como o ponto no qual se torna possível a ocorrência do fenômeno comunicacional, nos modos de uso e nos múltiplos, amplos e abertos espaços de interação entre pessoas ou grupos, a partir dos processos sociais que se desenvolvem.

Através do entendimento de que a transformação da construção comunicativa de uma sociedade depende de uma variedade de mídias que atuam em conjunto, a concepção de configurações comunicativas foi aproximada e definida como “padrões de processos de entrelaçamento comunicativo que existem ao longo de várias mídias e têm um enquadramento temático que orienta a ação comunicativa” (HEPP E HASEBRINK, 2015, p.80).

Em seguida, como exemplos de configurações comunicativas formadas a partir do autismo, foram apresentadas páginas da rede social *Facebook*, criadas com objetivos distintos. Nelas, percebe-se que os processos de construções comunicativas de realidades socioculturais estão em movimento e contribuem para a formação de uma nova concepção social deste transtorno, sustentadas por diferentes tipos de mídias.

Por fim, neste contexto social e cultural, intensificado pelo uso dos dispositivos tecnológicos e das redes sociais, foi pelo viés cultural que a observação destes eventos, que culminam nos usos das mídias, ganha força. São as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade. Entende-se que é através de uma perspectiva cultural de análise que se torna possível compreender os processos, experiências e, assim, entender as reações culturais do cotidiano.

Por isso, existe a cautela de não caracterizar a mídia, as redes sociais ou os aparatos tecnológicos como sendo responsáveis pelas mudanças sociais, econômicas e culturais, ideia que caracterizaria o determinismo. Afinal, pela ótica da comunicação, o que deve ser estudado é o uso destas mídias e das tecnologias que influenciam e moldam as práticas e processos comunicacionais. Por isso, a comunicação é tida como fundamental para a construção social da realidade, através dos seus processos comunicativos múltiplos e de outras formas de interação social presentes na vida cotidiana (HEPP E HASEBRINK, 2015), que oportuniza e constrói, inclusive, outros espaços de fala para grupos com interesses tão específicos, como o autismo.

A reflexão sobre o uso da mídia como forma de experiência cultural, entre grupos que vivem o autismo, deixa claro que as formas culturais se mantêm, apropriadas às diferentes configurações de tecnologia da comunicação. Porém, esclarece que o que mudam são as experiências, visto que as formas culturais são muito maiores do que a tecnologia e que seus aparatos são periféricos. É neste sentido, enfim, que se percebe a importância do estudo dos dispositivos interacionais e das configurações comunicativas nas pesquisas em comunicação.

Por fim, a partir das práticas e processos comunicacionais utilizados por grupos de indivíduos que interagem através de comunidades virtuais sobre o autismo, em conjunto com outras mídias, considera-se que são nestes espaços interacionais que surgem as tentativas destes grupos de atribuição de novo sentido para as impressões que se tem sobre o autismo, de ressignificação, da reconstrução de conceitos, de aceitação ou valorização social destas pessoas, do seu reconhecimento. Surgem, através destes dispositivos interacionais e configurações, novas formas de interação, construção e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

AUTISMO & REALIDADE. **Diagnóstico do autismo**. Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, Nilda. *Mediação e Mídia*. Compós, EDUFBA, 2012.

DEUZE, Mark. **Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)**. In: *Revista MATRIZES*, Ano 7, nº 2. São Paulo: 2013.

DUARTE, Eduardo. **Por uma epistemologia da Comunicação**. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, pp 41-54.

HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: Sovik, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da "mediação de tudo"**. MATRIZES. V. 8 - Nº 1, São Paulo: 2014.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. **Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas**. *Revista Parágrafo*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-89, jul./dez. 2015. <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333/341>

HEPP, Andreas. **O que a cultura das mídias (não) é**. In: *Revista Interin*, v. 19. n.1. p. 03-23. Curitiba: 2015.

JUNIOR, Paiva. **Temple Grandin fala e entrevista exclusiva para a Revista Autismo**. *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-3/temple-grandin-fala-em-entrevista-exclusiva-para-a-revista-autismo>>. Publicado em 21 dez. 2012. Acesso em: 20 jan. 2017.

JUNIOR, Paiva. **Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças**. *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 5 jul. 2016.

KERCKHOVE, Derrick de. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. *Matrizes*. V 9, N 1, jan./jun. 2015. p. 53-64.

LAGARTA VIRA PUPA. Facebook/LagartaViraPupa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lagartavirapupa/?fref=ts>> Acesso em 28 jan. 2017.

MION, Marcos. Facebook/MarcosMionOficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarcosMionOficial/?fref=ts>> Acesso em 28 jan. 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SÍNDROME DE ASPERGER AUTISMO. Facebook/SindromedeAspergerAUTISMO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SindromedeAspergerAUTISMO/?fref=ts>> Acesso em 28 jan. 2017.

UNIVERSO AUTISTA. **Síndrome de Savants: o que é síndrome Savant**. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/altern8news/article.php?storyid=19>>. Acessado em: 20 jan. 2017.

UPPA AUTISMO. Facebook/UppaAutismo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uppaautismo/?fref=ts>> Acesso em 28 jan. 2017.

VEJASP. **Marcos Mion revela presente inusitado que filho autista pediu no Natal**. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/12/27/marcos-mion-filho-autista-facebook/>> Publicado em: 27 dez. 2015. Acessado em: 20 jan. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é Ordinária**, p.2. Tradução, 1958.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 18

XAVIER, Monalisa P.; BATISTA, Ana Lúcia de M. **Dispositivos interacionais: atravessamentos e redefinições de fronteiras na sociedade em mediação**. *Contracampo*, Niterói, v. 35, nº 02, pp. 72-86, ago./nov., 2016.